

“Você será mobilizada(o)!”:  
gênero e trabalho na  
Segunda Guerra Mundial –  
Estados Unidos e Brasil

“You will be mobilized!”:  
gender and work in World  
War II - United States and  
Brazil

Renan Reis Fonseca<sup>1</sup>



**Resumo:** Nos Estados Unidos, a revista de variedades *Reader's Digest* foi uma das que contribuiu intensamente na mobilização para a Segunda Guerra Mundial, convocando tanto as mulheres norte-americanas para o trabalho na indústria, quanto defendendo que os homens fossem para as frentes de batalha, articulando posteriormente também a desmobilização das mulheres e sua recondução aos lares. No contexto brasileiro, a revista *Seleções do Reader's Digest* – ao trabalhar com um projeto de seleção do material norte-americano – também contribuiu para os diferentes modos como os papéis de gênero durante os anos de conflito foram apresentados para os leitores brasileiros aos moldes das políticas implementadas nos Estados Unidos. O foco de análise deste trabalho recairá, portanto, sobre a forma como esses papéis foram articulados em ambos os países, entre 1941 e 1945, a partir de artigos publicados por ambas as revistas. Tomando como perspectiva teórica os Estudos de Gênero, principalmente os vieses estabelecidos por estudiosas como Susan Hartmann e Joanne Meyerowitz, e atentando para o conceito de representação, tal como concebido por Roger Chartier, o trabalho visa a elencar possíveis divergências no que concerne à convocatória para as mulheres, apontando as diferentes maneiras pelas quais participaram no esforço de guerra, seja no *homefront*, seja no campo de batalha.

**Palavras-chave:** Mobilização; Segunda guerra mundial; Gênero; Trabalho; Reader's Digest.

**Abstract:** In the United States, *Reader's Digest* was a major contributor to the mobilization of World War II, mobilizing American women to work in the industry and advocating that men should go to the front, articulating later also the demobilization of women and their return to their homes. In the Brazilian context, *Seleções do Reader's Digest* – working with a US material selection – also contributed to the different ways which gender roles during the conflict years were presented to Brazilian readers along the lines of the policies implemented



in the United States. Therefore, the focus of this paper will be on how these roles were articulated in both countries, between 1941 and 1945, based on articles published by both periodicals. Taking as a theoretical perspective the Gender Studies, especially the biases established by scholars such as Susan Hartmann and Joanne Meyerowitz, and focusing on the concept of representation, as conceived by Roger Chartier, the work aims to list possible differences regarding the call for women, pointing out the different ways in which they participated in the war effort, either at homefront or on the battlefield.

**Keywords:** Mobilization; World war II; Gender; Work; Reader's Digest.



## Segunda Guerra Mundial: do trabalho no lar ao mercado de trabalho nos Estados Unidos

Após o início da Segunda Guerra Mundial na Europa, com o avanço das tropas de Hitler sobre a Polônia, em 1939, a revista norte-americana *Reader's Digest* passou a apresentar intensamente, através de diferentes artigos, a forma como a guerra se desenrolava. Ainda que os Estados Unidos se mantivessem em uma postura de não alinhamento em relação aos países que se confrontavam, os artigos, grosso modo, já se detinham a apresentar os lados de forma parcial.<sup>2</sup> O avanço alemão era visto como um possível problema à democracia e liberdade defendidas pela nação norte-americana, ainda que existissem simpatizantes nazistas no país. Porém, as disputas internas sobre a entrada ou não do país no conflito adiaram a sua participação efetiva até finais de 1941.

Com a entrada definitiva dos norte-americanos na guerra, o *Digest* adotou abertamente uma linha editorial que versava diretamente sobre o contexto, trazendo artigos que reforçavam o projeto político do esforço de guerra do qual a revista fazia parte. O que a revista não deixava de destacar, também, é que a organização dos papéis desempenhados pelas mulheres, seja no trabalho ou na organização doméstica, eram fundamentais para o sucesso dos Aliados, agora liderados pelos Estados Unidos, contra a ameaça que o Eixo representava.<sup>3</sup>

Os artigos publicados pelo *Digest* naquele contexto ressaltavam a necessidade do trabalho feminino e da contribuição das mulheres no *homefront*. Naquele momento, muitas delas precisaram lidar com a mudança de uma estrutura de vida que havia acabado de se reorganizar após os anos de Depressão Econômica e da reestruturação implementada pelas medidas adotadas pelo *New Deal*. Ainda assim, as mulheres tiveram uma participação indispensável para o sucesso dos Aliados no *front* de guerra, uma vez que tiveram um papel fundamental na organização e manutenção social dos Estados Unidos ao longo dos anos de conflito. Segundo Susan Hartmann,

os acontecimentos críticos dos anos 40 remodelaram a vida das mulheres de muitas maneiras, assim como aconteceu com a dos homens. Como membros de uma família, as mulheres se beneficiaram da explosão econômica induzida pela Guerra e, como trabalhadoras, elas desfrutaram de oportunidades de emprego sem precedentes. A propaganda do governo salientou a importância crucial das mulheres no esforço de guerra e os novos controles dos governos impuseram restrições às escolhas econômicas tanto das mulheres quanto dos homens. Embora as



mulheres não estivessem sujeitas ao recrutamento, a Segunda Guerra Mundial deu-lhes a primeira oportunidade de servir como membros regulares das forças armadas (HARTMANN, 1982, p. 15).<sup>4</sup>

A publicização da mobilização das mulheres para participarem do esforço de guerra apareceu de diversas formas na revista norte-americana, uma vez que revistas como o *Digest*, desde o início do conflito, haviam se convertido em um aliado do governo norte-americano para a divulgação de publicidade governamental. A mais direta, no entanto, veio em fevereiro de 1943, quando Harry Hopkins, ex-secretário de comércio de Franklin D. Roosevelt e importante figura nas relações com a Inglaterra durante os anos de guerra, no artigo de título *You will be mobilized (Você será mobilizado)* destacou que:

nós devemos utilizar nosso poderio feminino até um ponto nunca sonhado antes na América. Na Rússia as mulheres estão lutando; atrás das linhas elas estão fazendo o trabalho dos homens. Esta é uma das razões pelas quais o exército russo tem tido uma performance tão magnífica. Recentemente eu estive em um navio comercial russo em um porto americano e a capitã e 47 dos 50 tripulantes eram mulheres. Eu não acredito em mandar as mulheres para a batalha. Mas acredito que elas possam manejar armas antiaéreas em todas as nossas cidades costeiras. Algumas podem se ferir, assim como as enfermeiras se feriram em Corregidor, mas homens e mulheres estão juntos nesta guerra. Milhares de mulheres em empregos, agora considerados não-essenciais, precisaram mudar de empregos. Milhões de pessoas sem emprego precisaram trabalhar. Mulheres que não podiam trabalhar em fábricas e lojas passam a desempenhar tarefas igualmente essenciais, tais como cuidar de crianças cujas mães estão nas fábricas de munição. Enfermeiras que se casaram e se aposentaram têm que retomar suas profissões. [...] Esta é uma Guerra em que todos nós precisamos lutar lado a lado, civis e militares, homens e mulheres, Russos, Britânicos, Chineses. Um esforço comum levantará nossa moral. Tornaremos-nos uma nação invencível (READER'S DIGEST, fev. 1943, p. 7-10).

Importante destacar primeiramente que os russos e chineses são vistos sem maiores desqualificações ao lado dos britânicos no esforço de guerra, posição que mudou significativamente no pós-guerra. O texto do artigo não esconde o entusiasmo: as portas do mercado de trabalho se abriam para as mulheres; elas poderiam entrar no esforço de guerra atuando nas indústrias, escritórios, comércio, dentre outras atividades, mas também atuando na defesa interna. De forma mais modesta, poderiam inclusive atuar em algumas operações



militares, mas não em situações efetivas de combate. Neste sentido, os papéis tradicionais atribuídos a elas começavam a se deslocar, alterando, em certa medida, a ordenação social de gênero que preponderava até aquele momento na sociedade norte-americana: a que representava a mulher de forma tradicional enquanto esposa e mãe, devota ao lar e aos afazeres domésticos. Como destacou Susan Hartmann,

o imaginário feminino na cultura popular certamente falava acerca da própria ambivalência das mulheres sobre sua situação em mutação, uma ambivalência produzida, não apenas pela novidade de suas experiências, mas também pelo fracasso das instituições sociais e econômicas em mudar de maneira a facilitar a acomodação das mulheres nos diferentes papéis. Enquanto se validavam as novas atividades das mulheres, a mídia da época da guerra ligava aquelas saídas a um contexto de feminilidade e domesticidade convencional. (HARTMANN, 1982, p. 205)

Tais transformações e deslocamentos dentro da sociedade podem ser percebidos ao se analisar um dos artigos publicados pelo *Digest* que destacava que, ao procurar por formas de contribuir com o esforço de guerra, uma mulher

surpreendia-se com a quantidade de empregos disponíveis. O escritório da Defesa Civil listou 208 atividades que precisavam ser executadas. As mulheres podiam atuar como guardiãs de ataques aéreos, motoristas de ambulância, auxiliares de bombeiros, enfermeiras, médicos especialistas em dietas, ou organizar escolas para crianças cujas mães estavam trabalhando em postos de defesa. Algumas puderam preencher postos técnicos no exército e na marinha. As necessidades eram ilimitadas (READER'S DIGEST, 1942, p. 27).

Com as necessidades do país aumentando, cabia, então, às mulheres o dever de contribuir com o esforço de guerra, ainda que essas possibilidades de atuação não pudessem ser comparadas às dadas aos homens, inclusive pelo fato de estes manterem a maior parte dos cargos de chefia e organização, mesmo em espaços em que predominava o trabalho realizado por mulheres. Parte desses postos de trabalho se manteriam abertos a elas com o término do conflito, enquanto outros voltariam a ser destinados exclusivamente aos homens, principalmente aqueles de maior destaque e rentabilidade.

A abordagem adotada pelo *Digest* abarcou diferentes formas de mobilização dessas mulheres, o que pode ser evidenciado com um texto publicado em julho de 1943, escrito por Dorothy Parker, e intitulado *Are we*



women or are we mice? (Somos mulheres ou ratos?).<sup>5</sup> Em seu artigo, a escritora norte-americana abordou as mulheres em uma outra perspectiva: a de que não deveriam se recusar a assumir trabalhos remunerados, ou seja, a participação deveria ser efetiva e não apenas restrita a ações voluntárias esporádicas. A publicação ganhou grande repercussão nos Estados Unidos e suscitou posições a favor e também contrárias. De acordo com Melissa MCEuan (2010), o artigo primeiramente havia sido rejeitado por um dos editores do *Digest*, no entanto, posteriormente a revista acabou publicando a versão em questão, em um formato reduzido. A negativa inicial dos editores do *Digest* se tornou de conhecimento do governo norte-americano e segundo McEuan:

Mary Brewster White na Comissão Americana de Mão de Obra para Guerra (WMC) queria que ‘a literatura do tipo ‘esprema-os’ [a que fizesse intensa pressão] circulasse com a maior abrangência possível” e tentou colocar esse ensaio em revistas nacionais para leitores em geral. Quando foi inicialmente rejeitada pelo editor do *Reader’s Digest*, que o considerou ‘especializado demais’ para seus leitores, White concluiu: ‘Parece-me que quase todo o país se especializou, brilhantemente, em mal-entendidos quanto à mão de obra feminina. Uma olhada rápida em alguns egos femininos bem escolhidos ajudaria bastante’. No verão de 1943, a mobilização trabalhista [das mulheres] continuou, mas não na velocidade que os oficiais do governo norte-americano esperavam. As questões levantadas pelas agências iam desde ‘De quem é a culpa?’ até ‘Como elas podem ser trazidas a bordo?’. Uma pessoa, respondendo ao texto de White, salientou, ‘é bem possível que uma parte significativa do corpo editorial da revista compartilhe secretamente da opinião de que as mulheres de uniforme ou macacão estão traindo o seu sexo’ (MCEUEN, 2010, p. 178, grifos do original.)

O artigo de Dorothy Parker, que instava as mulheres a participarem de forma abrangente no esforço de guerra, colocava em xeque a sociedade norte-americana que, diante das transformações que o conflito começava a instaurar no corpo social, apresentava suas contradições e resistências. O texto de Parker, que criticava as mulheres que não se mobilizavam e que argumentavam que gostariam de fazer mais dizendo “se ao menos pudesse ser um homem por este período!” (READER’S DIGEST, Jul. 1943, p. 71), parece ter consternado uma parcela do público leitor, inclusive dos editores, uma vez que sugere que

ela poderia dar um jeito. Poderia ser um homem durante aquele período. Ela não só poderia ser um homem, como era seu dever ser um. Eu não quero dizer que ela deveria se comportar como



aqueles atletas olímpicos que costumavam trocar de sexo. O que quero dizer é que agora a mulher poderia tomar o emprego de um homem, já que este homem precisava assumir uma posição mais extrema. O seu governo pedia isso a ela. Esta é a parte da mulher na vitória desta Guerra (READER'S DIGEST, jul. 1943, p. 71).

Temporariamente, então, a mulher poderia “ser como o homem”, adentrar o mundo do trabalho remunerado fora do lar, ainda que a desigualdade entre uns e outras permanecessem, embora não citada pela revista, já que a imprensa geralmente abria apenas aqui e ali espaço para algumas autoras denunciarem as diferenças de lugares na sociedade. Neste sentido, fica apontado que as atribuições do mundo do trabalho definiam e destacavam as caracterizações de gênero.

É importante ressaltar que, neste cenário, revistas como o *Digest* foram fundamentais ao governo norte-americano, uma vez que conseguiram mediar tais conflitos no *homefront* e, apesar de não concordarem muitas vezes com as condições que se apresentavam no cenário de guerra, publicizaram as demandas governamentais, tornando-as legítimas diante do público leitor. Como sugere o artigo em seu término, “não haverá um uniforme sofisticado. [...] porque você estará desempenhando um grande trabalho no maior de todos os trabalhos – salvar o futuro” (READER'S DIGEST, jul. 1943, p. 72). Garantir o futuro, para as mulheres, representaria manter a possibilidade de reestabelecimento das antigas estruturas, o retorno dos homens, a constituição de uma família e a reocupação de seus antigos papéis sociais. Se a autora se questiona, “pelo amor de Deus, somos mulheres ou ratos?”, não resta dúvidas de que, mais uma vez, as mulheres demonstravam que poderiam ter um papel relevante, ainda que essa escolha estivesse estritamente relacionada a um conservadorismo de papéis e espaços.

Ainda que houvesse a possibilidade de autonomia que um salário poderia trazer às mulheres, deve-se perguntar se trabalhos como rebitadoras ou datilógrafas eram, de fato, estimulantes às trabalhadoras da época. Note-se que muitas, como hoje, passaram à dupla jornada. Uma mulher sem filhos poderia se engajar no esforço de guerra, mas, e uma mãe de família, com quem deixaria seus filhos? Entretanto, isso foi pouco contemplado pelo *Digest*. A revista parece ter trabalhado com a perspectiva de que a mobilização incluía a possibilidade de que algumas mulheres se dedicassem a cuidar dos filhos daquelas mulheres que ocuparam posições de trabalho fora do lar.



## As mulheres vestem o uniforme: WAC's no front de guerra

Apesar das novas possibilidades apresentadas, a participação das mulheres norte-americanas em situações de guerra não era tão incomum quanto poderia parecer. Desde a Guerra Civil (1861-1865) ocorrida nos Estados Unidos, as mulheres participavam dos conflitos, trabalhando como enfermeiras, principalmente, mas também como cozinheiras, dentre outras funções subalternas, exercendo papéis e atribuições necessárias ao andamento das atividades militares.

Após serem convocadas a contribuir com os esforços de guerra ao longo da Segunda Guerra Mundial, essa participação, nas mais diferentes ocupações, precisou mais uma vez ser afirmada, legitimada diante da sociedade, especialmente porque o que também se acreditava estar em jogo era a manutenção de sua feminilidade que, apesar dos novos papéis assumidos, precisava ser garantida, principalmente àquelas que se alistaram para ocupar cargos dentro das forças armadas.

Para estas últimas, pode-se dizer que a participação durante a Segunda Guerra Mundial foi mais intensa e significou mudanças substanciais, como o fato de que “elas foram utilizadas em *quase todas* as atividades de combate e alcançaram status permanente, regular no contexto militar” (HARTMANN, 1982, p. 31, grifos acrescentados), diferentemente do ocorrido na Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres dos Estados Unidos participaram apenas como enfermeiras e não tiveram a possibilidade de serem incorporadas às forças armadas após o conflito.<sup>6</sup>

Essa participação na Segunda Guerra Mundial esteve concentrada em algumas unidades especiais, como *Women's Airforce Service Pilots* (WASP), nas Forças Aéreas, como aviadoras civis; *Women's Army Corps* (WAC, inicialmente o grupo foi denominado *Women's Army Auxiliary Corps - WAAC*), na Marinha; através do *Women Accepted for Volunteer Emergency Service* (WAVES), *Marine Corps Women's Reserve* (MCWR), na Guarda-Costeira (SPARS); e como enfermeiras tanto na *Army Nurse Corps* (ANC), quanto na *Navy Nurse Corps* (NNC). No entanto, as unidades que encontraram pouca resistência social diante da mobilização das mulheres foram, mais uma vez, as que as colocavam como enfermeiras, profissão a elas historicamente associada, que de forma essencializada as creditava como detentoras naturais da habilidade do cuidado.

O *Digest* dedicou especial atenção ao *Women's Army Auxiliary Corps - WAAC*: as únicas mulheres a comporem, a partir de 1942, de forma efetiva, os quadros



do exército e a participarem diretamente no *front* de guerra, e que foram de extrema importância ao longo do conflito, servindo desde funções de escritório até a indicada atuação na enfermaria. Com o avanço do conflito e com dificuldades de organizar e administrar um grupo de auxílio, o governo dos Estados Unidos, em 1943, mudou a categorização das WAAC, concedendo status de militar para o agrupamento, que passou a ser denominado apenas de *Women's Army Corps (WAC)*.<sup>7</sup>

O grupo, assim como outros setores organizados de mulheres mobilizadas, sofreu inúmeras críticas de civis e de setores militares masculinos (ainda que muitos apoiassem os agrupamentos femininos) ao longo da guerra, sendo, por vezes, acusado de levar as mulheres a perderem sua “feminilidade” e até de cometerem atos considerados lascivos, por exemplo. Para muitos, as mulheres poderiam ajudar as forças armadas, mas não se tornarem militares como um corpo específico dessas unidades, mesmo atuando majoritariamente na parte administrativa e nos espaços da enfermaria. Inúmeros comentários provinham, também, de setores masculinos dentro das forças armadas, que insinuavam que a contribuição das mulheres dentro das corporações poderia (ou deveria) vir através de favores sexuais.<sup>8</sup>

De qualquer modo, a sexualidade da mulher que adentrava as forças armadas era intensamente condenada, fosse ao ser acusada de comportamento masculinizante e de ser lésbica, ou por manter uma conduta heterossexual destoante dos padrões moralizantes e tradicionais ainda em vigor, mesmo em tempos de completa instabilidade social. Nesse sentido, mais uma vez, um olhar condenatório, principalmente de homens, mas também das próprias mulheres, imperava sobre a moralidade e o julgamento social.

Na esteira dessa rotulação de mulheres do grupo como masculinizadas, em diversos meios, sua participação no embate foi questionada. No entanto, o governo norte-americano, através de uma ampla política de publicidade para as WAC, se preocupou em destacar sua importância e comprometimento, além de reforçar a concepção de que as mulheres que se alistavam se mantinham “tão femininas quanto antes do alistamento, e que, de fato, elas desenvolveram um novo charme” (HARTMANN, 1982, p. 42, grifos do original).

O *Digest*, mais uma vez servindo como um meio de publicidade e porta-voz das políticas governamentais, apresentou as WAC em um artigo de título *Ladies of the Army (Moças do Exército)*, e assim as descreveu:

o motivo por trás dos alistamentos é um homem nas forças



armadas. Namoradas, esposas, mães e filhas desejam compartilhar as experiências de guerra com seus homens em serviço militar. Em seus alojamentos, onde é permitido às militares terem três fotos, fotos de homens ultrapassam as demais em uma proporção de duas para uma. Mas não há estrelas de cinema. Todas as fotos estão lá por parentesco – de sangue ou do coração. As Wacs são boas soldadas, mas no temperamento ainda são femininas [...] E depois da guerra? A maioria das Wacs, claro, quer se casar e se tornar mãe. Algumas planejam trabalhar nas áreas para as quais foram treinadas na corporação. Muitas querem permanecer na corporação e participar da grande reconstrução do pós-guerra no exterior. Elas acreditam que é apropriado que a mão de uma mulher alimente as crianças famintas da Europa (READER'S DIGEST, maio 1943, p. 85-88).

O artigo deixa clara a intenção de reafirmar que, apesar de comporem as forças armadas e participarem ativamente no *front* de guerra, essas mulheres não perderam sua "feminilidade", ainda eram motivadas pela paixão e pelo sonho do casamento, além de estarem atreladas à lógica da família.<sup>9</sup> A ideia de que a mulher pudesse escolher se dedicar apenas a sua vida profissional ou não se casar e não ter filhos não passava pelas normas da época, o que era reafirmado por revistas como o *Digest*. As que se dedicassem às atividades do pós-guerra assumiriam funções relacionadas ao inerente senso materno, como alimentar crianças famintas e fazer trabalhos voluntários. Mesmo que a revista tornasse pública a mobilização das mulheres nos anos de guerra, ela já renunciava que, no futuro, em anos de paz, a participação da mulher e o seu papel dentro da sociedade estariam condicionados aos tradicionais papéis de gênero.<sup>10</sup>

Reitera-se a preocupação com o lugar da mulher no pós-guerra, já defendendo o retorno ao lar ou a atividades condizentes com os padrões sociais, como aponta o final do texto: "participar da grande reconstrução do pós-guerra no exterior. Elas acreditam que é apropriado que a mão de uma mulher alimente as crianças famintas da Europa" (READER'S DIGEST, maio 1943, p. 88). Apesar do espaço que coube à mulher, novamente os eixos da sua atuação estavam marcados aqui como quem cuida das crianças, mesmo europeias. Indicava o lugar hegemônico que os Estados Unidos passaram a assumir. Caberia às mulheres, portanto, entenderem, ainda nos anos de guerra, as condições existentes para que tais deslocamentos pudessem ser permitidos.

Em um artigo intitulado *American Women in the war* (*As mulheres americanas na guerra*), de janeiro de 1944, Eleanor Roosevelt exalta a contribuição das mulheres no esforço de guerra, seja no campo de batalha,



com as *WAC's*, seja no *homefront*.<sup>11</sup> A primeira dama norte-americana destaca a contribuição das enfermeiras, das mulheres que adentraram a indústria, mas também daquelas que se dedicaram a manter as atividades rotineiras da nação funcionando, inclusive o lar. Eleanor Roosevelt questiona o fato de que a possibilidade de contribuição das mulheres nos *fronts* de guerra era limitada, uma vez que não participavam dos combates, sugerindo que estas poderiam atuar de forma mais intensa:

até agora somente as *Wacs* puderam ir para o exterior. Isso me parece ridículo. Esta restrição das atividades dos nossos outros serviços militares femininos não é devido a nenhum sentimento do congresso ou das autoridades militares de que as mulheres não podem realizar este trabalho. É devido, ao invés disso, a um falso cavalheirismo que insiste que as mulheres devem ser protegidas dos perigos e dificuldades da guerra, mesmo contra sua vontade. Algumas mulheres aceitam este ponto de vista, mas eu acredito que a maioria de nós preferiria compartilhar integralmente as experiências dos homens (*READER'S DIGEST*, jan. 1944, p. 42-43).

A primeira dama rejeitava a tutela masculina e acrescentava que essa participação mais ampla e efetiva seria produtiva para o pós-guerra, uma vez que homens e mulheres seriam capazes de se reajustar melhor por terem partilhado de experiências semelhantes. Ao se referir às mulheres que se mantiveram no lar, cuidando do *homefront*, Eleanor Roosevelt comenta que: “as muitas centenas de mulheres que não estão fazendo nenhum trabalho incomum, mas estão cuidando de suas casas calma e eficientemente, estão contribuindo mais para o esforço de guerra do que imaginam” (*READER'S DIGEST*, jan. 1944, p. 43).

Ainda que esses artigos versassem basicamente sobre a participação geral das mulheres, a mobilização, de forma discursiva e pelas propagandas de guerra, buscava abarcar por meio do discurso as mulheres brancas e de setores médios da sociedade. A participação das mulheres negras não é destacada no esforço de guerra, nem o *Reader's Digest* era dirigido ao negro, mas à classe média branca. Na época, importa ressaltar que o país ainda vivia a desumana segregação racial, o que excluía grande parte dos negros da sociedade. As mulheres na condição do esforço de guerra estavam, dessa forma, condicionadas a um mesmo grupo para a revista.



## A convocação feminina do cenário brasileiro: a mobilização da mulher em *Seleções do Reader's Digest*

A década de 1940 demarcou um ponto importante para o *Reader's Digest*, uma vez que houve uma ampla difusão de suas revistas para as mais diversas partes do mundo. A Segunda Guerra Mundial forneceu as condições necessárias para que as publicações, em suas diversas traduções, se consolidassem, por exemplo, por toda a América Latina, tanto a de língua espanhola quanto a portuguesa.

O *Digest* não só se dedicou a estabelecer uma aproximação entre as nações do continente, mas também se preocupou em veicular amplamente o projeto do governo norte-americano ao dar destaque aos desdobramentos da Política da Boa Vizinhança, como a vinda de Orson Welles ao Brasil, em 1942, ou às produções dos Estúdios Disney.<sup>12</sup> Em fevereiro de 1942 foi publicada a versão em português da revista, *Seleções do Reader's Digest*, periódico que acompanharia os desdobramentos da guerra e informaria o público brasileiro.<sup>13</sup> A preocupação, no caso brasileiro, residia, também, em apresentar elementos dos demais países latino-americanos, dando destaque a governos e políticas econômicas alinhadas aos Estados Unidos, forjando, neste sentido, uma pretensa ideia de colaboração conjunta entre os países, tanto no que se refere a aspectos econômicos e sociais, quanto de projeção social e cultural.

Ainda que a revista norte-americana defendesse que veiculava temas que considerava universais, os limites da empreitada do *Digest* em solo brasileiro se impunham, uma vez que aspectos religiosos, morais e culturais demonstraram ser, por vezes, entraves efetivos a uma difusão mais ampla de certas temáticas, como o aborto ou mesmo artigos que envolvessem questões relativas à religião protestante, temas comuns na revista norte-americana.

As diferenças entre os países eram grandes. Enquanto os Estados Unidos já eram primeira economia em 1939, sendo que com o final da Segunda Guerra alcançaram a almejada hegemonia mundial, o Brasil era um país que ainda lutava para se industrializar. Em terras brasileiras, o deslocamento populacional do campo acabaria por inchar as grandes cidades. Havia uma concentração no litoral e zonas desconhecidas no interior, como Goiás e Amazonas, que atraíam a curiosidade tanto de brasileiros quanto de norte-americanos, o que se refletiu em diversos artigos de *Seleções*, mas também do *Digest* (Cf. JUNQUEIRA, 2000). Além disso, havia as diferenças culturais e religiosas, como o fato de os Estados Unidos serem basicamente um país protestante e o Brasil, católico.



Entretanto, artigos sobre a mulher – o seu papel na família, modelos de conduta, além de hábitos de consumo – cruzaram fronteiras e foram amplamente veiculados no Brasil. Isso aconteceu independentemente das diferenças econômicas, políticas e sociais entre os dois países, o que se refletiu em distinções das posições das mulheres lá, como a mobilização delas no período da guerra, o que não ocorreu aqui.

*Seleções* ecoou o *Digest* na época da Segunda Guerra Mundial, como esperado: os nazistas eram os inimigos a serem combatidos e Hitler, considerado o grande responsável pela situação mundial. Era necessário segundo o projeto editorial do *Digest* e de *Seleções*, portanto, que os países da América se aproximassem e se alinhassem à política dos Estados Unidos e ao seu estilo de vida. O Brasil não foi uma exceção.<sup>14</sup>

O distanciamento entre Brasil e Estados Unidos tornou-se menor em agosto de 1942, quando o país sul-americano, ainda que no auge do Estado Novo (1937-1945), declarou guerra à Alemanha e à Itália. Iniciava-se, então, um momento decisivo para a política e para as relações exteriores brasileiras. Em pouco tempo o Brasil se aproximou dos Estados Unidos e passou a ser um dos países estratégicos para a difusão da política e cultura daquele país na América do Sul. *Seleções*, neste contexto, foi um espaço de intensa propaganda no qual os Estados Unidos apareceram como liderança frente aos países da Europa e outros do Ocidente.<sup>15</sup>

### O papel da mulher durante a Segunda Guerra Mundial em *Seleções*

Grande parte dos números do *Digest* entre 1942 e 1945 foi dedicada ao conflito, seus personagens (heroicos ou não) e os possíveis desdobramentos futuros para a organização política do mundo. A mesma posição foi adotada por *Seleções*, mesmo com a participação de Brasil e Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial tendo se dado de forma tão distinta ao longo daqueles anos, inclusive no que se refere à participação efetiva das mulheres.

No entanto, cabe destacar que não há em *Seleções*, ao longo dos anos de guerra, um único artigo sequer que verse, exclusivamente, sobre a mulher brasileira, ainda que naquele momento a revista brasileira fosse produzida com a participação de brasileiros nos Estados Unidos. Mesmo assim, a revista brasileira veiculou artigos sobre a mobilização para guerra de norte-americanas, indicando a liderança industrial e econômica do país e a sua organização, que colocava mulheres na frente de trabalho, enquanto os homens estavam na



frente de batalha. Sem dúvida, tais artigos buscavam indicar a liderança norte-americana não só nos embates durante a Segunda Guerra, mas no mundo. De qualquer forma, como indicado, tais inserções forneciam modelos de conduta para as mulheres em períodos de exceção.

Por um lado, *Seleções* manteve o foco em destacar elementos historicamente atrelados às mulheres, tais como a feminilidade ou o papel da mulher no matrimônio, além de pequenas anedotas e piadas que poderiam ser facilmente difundidas para mulheres dos mais distintos locais e culturas, mas que poderiam, também, ser lidas pelos demais membros da família. Um exemplo desses textos que abordaram a existência da essência feminina é o artigo de título *O papel de Eva*:

Apesar de tudo, ainda achamos que toda mulher inteligente deve estar munida, acima de tudo, de um espelho grande no quarto e de um espelhinho na bolsa: são essas as suas melhores armas, o seu melhor equipamento. Com efeito, das mulheres que inspiraram os poetas de todas as eras, destronaram reis e abalaram impérios, das mulheres, enfim, que passaram à História – nenhuma se distinguiu nem pela erudição, nem pela virtude[...]. Se são lembradas, é apenas porque em sua vida tiveram, em abundância, aquele elemento que homem algum, por mais brilhante que seja, poderá jamais possuir: a feminilidade, esse elemento sem o qual o mundo seria bem desinteressante (SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, out. 1942, p. 16).

Em tempos de guerra, o que era anunciado à mulher brasileira era que sua arma mais interessante e poderosa era garantir e exercer a feminilidade. Além disso, há um destaque ao fato de que o feminino era algo exclusivo do corpo de mulheres, tanto como um elemento de apreciação, quanto de diferenciação entre os sexos, uma vez que os homens “jamais” possuiriam esse atributo, ou não eram homens. O artigo não foi localizado na publicação norte-americana.

Por outro lado, antes de o Brasil entrar no conflito, e mesmo após isso, foi a contribuição das mulheres norte-americanas na indústria bélica nos Estados Unidos que ganhou maior destaque em *Seleções*, igualmente como foi destacado no caso do *Digest*. É importante lembrar que os artigos veiculados sobre o trabalho das mulheres no período da Segunda Guerra Mundial em *Seleções* foram publicados primeiramente na revista norte-americana, o que reforça a ideia de que em períodos de exceção, e a depender do país, a mulher poderia ser deslocada para o mercado de trabalho. Entretanto, com o retorno dos homens, o seu lugar permanecia no lar, diferentemente das mulheres norte-americanas



que, além dos papéis esperados como no campo da enfermagem, adentraram distintos setores da indústria no país. No caso brasileiro, algumas mulheres também serviram como enfermeiras durante a guerra, mas, ao fim do conflito, tiveram que lutar para manter seus postos nas Forças Armadas.<sup>16</sup>

Assim, nos Estados Unidos e no Brasil, a força de trabalho da mulher era vista como secundária entre os homens e entre as próprias mulheres. Pode-se inferir o motivo pelo qual os artigos do *Digest*, sobre o papel da mulher, fossem veiculados também no Brasil.<sup>17</sup> Apesar da modernidade da indústria bélica anunciada em tempos de guerra, a força de trabalho das mulheres nessa indústria era secundária, menos importante que a dos homens. O lugar subalterno e o trabalho secundário das mulheres, portanto, permaneciam lá e aqui.

Em artigo publicado em agosto de 1942, *Seleções* evidenciou como o trabalho feminino norte-americano foi importante também ao fomentar uma “saúdável” competição entre homens e mulheres naquele contexto, afirmando desta forma a importante mobilização para a guerra e os seus desdobramentos sociais. Intitulado por *Seleções* como *A mulher acelera a produção de aviões* (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, ago. 1942, p. 71-74), o artigo havia sido publicado pelo *Digest* em junho de 1942 com o título de *New women workers speed plane production*.

O texto destacava o crescimento diário da mão-de-obra feminina norte-americana nas fábricas destinadas à produção de aviões, salientando a eficiência das mulheres que realizavam diversas tarefas com maior rendimento. Essa eficiência era benéfica para a produção por gerar uma competição entre homens e mulheres, pois era usual a prática de substituir um homem de baixa produtividade por uma mulher. Aquele, ofendido, passava a produzir mais. Isso demonstra o quanto o homem, tanto no âmbito privado, mas principalmente no público, não poderia se ver em uma posição inferior à da mulher, nem mesmo em um contexto emergencial de guerra. Por outro lado, esperava-se do homem determinada postura, ímpeto, força, engajamento no trabalho e resultados. Caso contrário, poderia ser substituído, de forma humilhante, por uma mulher.

Tais elementos denotam desigualdades históricas e serviam tanto ao contexto norte-americano quanto ao brasileiro, mesmo que as mulheres brasileiras não viessem a ser mobilizadas para a guerra aos moldes das norte-americanas. Interessante notar que o artigo em questão destaca o fato de que aqueles que viram a entrada das mulheres no mercado de trabalho com resistência mudaram de opinião, pelo menos inicialmente. A colocação tinha o claro intuito de também convencer os leitores acerca dos benefícios dessas transformações.



Segundo o texto,

uma razão aliás por que o emprego de mulheres vai dando tão bons frutos, é que houve efetivamente, na indústria de aviação, uma sensível mudança em métodos de fabrico. Para alcançar a produção em massa, muitas operações se converteram em outras de menor vulto que se prestam mais a repartir-se, tornando-se por consequência mais monótonas. Ora, a costura e o tricô tornam as mulheres em geral habituadas à monotonia. Têm elas, em regra, dedos mais destros, e são mais pacientes que os homens (SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, ago. 1942, p. 72).

O excerto deixa claro que o sucesso do trabalho feminino nos Estados Unidos se deve mais às mudanças sofridas no processo produtivo do que, de fato, à competência das mulheres, pois o trabalho delas na indústria era comparado ao trabalho manual que exerciam em casa, ou seja, eram ainda os papéis delimitados de homens e mulheres na sociedade que justificariam o sucesso das mulheres nessas novas funções.

Apesar do contexto do artigo diferir-se drasticamente da realidade brasileira, ele foi veiculado por *Seleções*, destacando os avanços da modernidade norte-americana, mas também sua capacidade de se mobilizar em momentos de crise, mesmo que mudanças na organização social fossem necessárias. Não havia saída: mesmo entrando no serviço de guerra, o trabalho da mulher era visto como menor, inferior. Desta forma, percebe-se como as concepções de gênero se adaptavam a novos contextos históricos utilizando-se de categorias conhecidas, nas quais mulheres e homens possuíam características essencializadas, mesmo em contextos tão distintos.

Sobre o perfil das trabalhadoras, o texto indica que operavam nas fábricas mulheres casadas, com maridos no *front*, ou as viúvas, entre 25 e 35 anos, que possuísem filhos para sustentar. Era preciso legitimar o trabalho de tais mulheres dentro e fora dos Estados Unidos. Aquelas com alta instrução e as “muito bonitas” não deveriam ser alvo das contratações. Percebe-se, portanto, que as mulheres com tais características eram vistas como problemáticas pelas indústrias, ou seja, poderiam desestruturar as rígidas hierarquias produtivas e de divisão social do trabalho instauradas.

Por fim, por motivos óbvios, como destacado, *Seleções* não trouxe à tona a mulher brasileira no contexto de guerra, mas sim a norte-americana. Importava vender os Estados Unidos como liderança e exemplo a ser seguido. Assim, podemos apontar que *Seleções* seguiu as diretivas do *Digest*. Em um primeiro



momento se dedicou a destacar a necessidade da participação de mulheres norte-americanas na contribuição do esforço de guerra, nos mais distintos setores: nos âmbitos civil e militar. Em seguida, *Seleções* pontuou a desmobilização, salientando o retorno ao lar, aos cuidados com a família, ressaltando uma preocupação social com a manutenção da feminilidade, como destacado. Por fim, em meio aos dois posicionamentos, *Seleções* veiculou as exceções que apontavam caminhos diferenciados para algumas poucas mulheres com participação na política, na economia e na vida jurídica. No entanto, essas inserções ocorreram em menor número em *Seleções*, quando comparadas às do *Digest*.

De modo geral, com a visualização do término do conflito, a revista brasileira também ressaltou uma forte mobilização para o consumo, associando-o às benesses do lar, escolha demonstrada, por exemplo, na grande inserção de anúncios publicitários na edição brasileira.

Em setembro de 1945, em *Algumas nascem com ele, mas todas podem adquiri-lo*, a revista retoma o modelo tradicionalmente auferido às mulheres e acrescenta que ao término da guerra, “após um período de feminismo, em que o importante não era mais o encanto da mulher mas sua inteligência, a feminilidade entra outra vez na moda, quanto à educação das moças” (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, 1945, p. 93). Interessante pontuar que o *Digest* havia publicado o artigo, com o título *Victorians had a word for it*, em julho de 1935, ou seja, dez anos antes de *Seleções*, em um contexto totalmente diferenciado. Era raro *Seleções* reproduzir artigo tão antigo do *Digest*. Em geral, veiculavam-se artigos com diferenças de cerca de três meses. Mesmo assim, após os anos de guerra, a revista brasileira julgou pontual retomar a busca pelo *encanto* que todas as mulheres poderiam sustentar.

Neste sentido, o texto, realocado em um novo contexto, visava a reconstruir os papéis de gênero no pós-guerra, reafirmando valores como o matrimônio e a maternidade, apontando que toda mulher

precisa saber que o casamento e os filhos limitarão qualquer outra atividade e que ainda, sem eles, não poderá esperar nenhuma felicidade. Aliás, é bom que se convença de início que, se se interessar por qualquer estudo ou trabalho seu, e se ela e o marido começam a vida juntos, aos 20 anos, ele de qualquer maneira levará uma vantagem de 10 anos em relação à esposa, pois a esta não faltarão outros e pesados encargos, quais os de dona de casa e mãe de família, por melhor que aproveite o tempo e distribua suas horas. Não poderá jamais dedicar-se, tanto quanto ele, a esses estudos e trabalhos, que para ela serão luxo (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, 1945, p. 94 -95).



Se quisesse trabalhar, um luxo para a revista, a mulher teria que arcar com carga dobrada. As estatísticas apresentadas pelo texto, sem qualquer preocupação de referência, buscam construir um teor de confiança ao apontar que “85 por cento das moças veem no casamento a sua finalidade na vida, e se quiserem seguir carreira, esta terá que ser compatível com o matrimônio” (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, 1945, p. 93). Tal discurso já vinha sendo praticado, de forma mais indireta, durante os anos de guerra, inclusive com uma abordagem que se pretendia mais científica.

Isso se relaciona com outro ponto de destaque na revista *Seleções* nos anos de guerra, os inúmeros artigos de caráter científico publicados, que indicavam a liderança dos Estados Unidos também na ciência. Um país para se tornar hegemônico precisava ter determinada organização social, economia forte, indústria de ponta e domínio científico. Muitos artigos eram assinados por “especialistas”, influentes pesquisadores e médicos. Em um texto, de março de 1942, assinado pelo médico Alexis Carrel, laureado com o Prêmio Nobel em 1912, discursos sobre os papéis de mulheres e homens se misturaram a discursos eugênicos e moralizantes (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, mar. 1942, p. 1-5).<sup>18</sup>

Intitulado *Renove seu próprio eu*, o artigo aborda a necessidade de uma vida disciplinada, pois esta levaria à normalidade física, que seria fundamental para a moralidade social. Segundo Dr. Carrel, falta à “nossa raça [...] injeções de disciplina, moralidade e compreensão das cousas” (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, mar. 1942, p. 1). Para o autor, a transformação deve vir não do governo, mas dos indivíduos. Importante ressaltar que neste momento o Brasil vivia o auge do Estado Novo, regime que propunha um fortalecimento e centralização do poder, e apesar das diferenças no contexto político artigos como este eram capazes de falar para públicos e países distintos.

Em relação a questões concernentes ao papel das mulheres, vale a pena destacar no artigo a defesa ao fato de que a mulher deveria atender a um suposto chamado biológico no que diz respeito à reprodução: “uma mulher fisicamente capaz de ter uma criança será mais feliz e mais forte, como pessoa, e mais útil como cidadã, se realmente a tiver”, e conclui apontando que, inversamente, há de ser uma criatura mais fraca, mais infeliz, menos útil, se se recusa a cumprir esta sua função essencial (SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, mar. 1942, p. 4).

Depreende-se da afirmação que o próprio discurso médico e de autoridade é utilizado aqui para reforçar um papel de gênero específico, o da maternidade. Donna Haraway aponta que uma “‘ficção reguladora’ semelhante, básica para o conceito ocidental de gênero, insiste em que a maternidade é natural e a pa-



ternidade cultural: as mães fazem os bebês naturalmente, biologicamente. A maternidade salta à vista; a paternidade é inferida” (HARAWAY, 2004, p. 220).

Assim, da mesma forma que *Seleções* era capaz de difundir novas propostas de papéis sociais para as mulheres, ainda que temporários – como o que defendia o trabalho da mulher norte-americana durante a guerra –, a revista se encarregava de reafirmar discursos tradicionais, que partiam de uma essencialização de funções baseadas no biológico, tido como fixo.

O que se pode ressaltar é que temas, relativos a onde e quando a mulher poderia trabalhar fora de casa, ou quando retornar exclusivamente ao lar, e também à maternidade, estavam sendo veiculados durante os anos de conflito e circulando entre Estados Unidos e Brasil. As realidades diferentes não impediam que temas conservadores fossem compartilhados. À mulher relegava-se lugar subalterno nos Estados Unidos, no Brasil e em outros países e regiões do mundo. A essencialização do papel da mulher enquanto mãe era um dever enquanto participe da sociedade. Alex Carrel, ao relacionar a possibilidade física/capacidade da mulher de gerar filhos ao seu dever cívico de fazê-lo, transforma um dado biológico em um papel social obrigatório. Essencializa, portanto, a mulher como reprodutora por excelência. O autor utilizava-se de seu *status* de cientista para prescrever a conduta correta e aceitável para a mulher, advertindo-a do destino de tristeza que a esperava caso decidisse seguir um caminho diferente.

### **O trabalho feminino, os “desvios” sociais e o caminho para o pós-guerra: *Digest* e *Seleções* preparam a “desmobilização das mulheres”**

No que concerne especificamente ao mundo do trabalho, anteriormente à entrada norte-americana no conflito, o *Digest*, quando publicava algum artigo sobre o papel da mulher que envolvesse estes aspectos, em suas mais variadas formas, geralmente as apresentava em profissões como secretárias, escritoras, *copy-desks*. O ambiente industrial pouco ou quase nunca era referido. Posteriormente à entrada do país no conflito, e devido às necessidades de suprir as lacunas profissionais existentes, o discurso sobre a apresentação da mulher no ambiente profissional se modificou e passou a relacionar os mais diversos aspectos do mundo social, como destacado. Se em 1940 se falava das secretárias e das *clipper girls*, a partir de 1942, seria a mulher, agora também na indústria, dedicada, consciente de sua participação social e cidadã, que ganharia as páginas da revista, apesar dos baixos salários. Como se sabe, as mulheres ganhavam



menos que os homens no mesmo ofício.

Durante os anos de conflito, a força de trabalho feminino cresceu mais de 50% nos Estados Unidos e, neste cenário, aproximadamente 37% das mulheres norte-americanas exerciam alguma atividade em 1945. As atividades variavam entre os mais diversos setores, desde os industriais, até os da cultura e o da educação, agora dentro de ocupações mais reconhecidas socialmente, como cientistas e professoras universitárias. Ao final do conflito, “uma em cada quatro esposas estava empregada” (HARTMANN, 1982, p. 21).

Durante os primeiros anos de guerra, o *Digest* valorizava o trabalho feminino e a capacidade das mulheres em aprender e se dedicar. A partir de 1944, no entanto, visualizando o pós-guerra, o retorno dos soldados para casa prontos a ocupar os postos de trabalho, e a necessidade de se incentivar a mulher a recolher-se ao seu papel tradicional de dona de casa, a revista começou a apresentar artigos diferentes daqueles iniciais. Assim, antes do final da Segunda Guerra, mas com a vitória dos Aliados apontando, o *Digest* passou a se preparar para o retorno do efetivo masculino para casa e a desmobilização das mulheres no pós-guerra. Em outras palavras, a mobilização feminina para engajamento no conflito durou cerca de três anos: de início de 1942 a 1944.

Se antes a tônica era a mobilização das mulheres, agora *Digest* (e em consonância *Seleções*, na esteira do contexto norte-americano) assumia que o retorno da mulher aos seus antigos papéis era importante para a reconstituição do país e o lugar dos Estados Unidos no mundo do pós-guerra. Em *They learned about women – why do women workers act like women? And what can be done about it? (Eles aprenderam sobre as mulheres - por que as trabalhadoras agem como mulheres? O que pode ser feito sobre isso?)* –, artigo de Gretta Palmer, o discurso, antes positivo, se modifica radicalmente (READER’S DIGEST, set. 1944, p. 105-107).<sup>19</sup> As mulheres trabalhadoras no texto são apresentadas como indivíduos repletos de manias e problemas que estavam comprometendo o bom andamento do trabalho industrial. O artigo destaca que:

Na Consolidated Vultee Aircraft Corporation, por exemplo, onde há mais mulheres do que homens empregados, as faltas ao trabalho entre as mulheres foram cinco vezes maiores do que as dos homens. Além disso, quatro em cada cinco mulheres pediram demissão antes de um ano. Recrutar e treinar mais mulheres para suas vagas foi custoso tanto em tempo quanto em dinheiro; manteve trabalhadores qualificados ocupados ensinando ao invés de produzindo. [...] Mulheres estão principalmente interessadas em serem mulheres. Seus interesses em qualquer outro tipo de



sucesso ficam em segundo lugar. Talvez possa se dizer que, da mesma maneira, homens estão interessados em serem homens – mas ser homem *inclui* se dar bem no mundo dos homens. Ser uma mulher de sucesso raramente inclui isso. Trabalhar por um salário é algo que uma mulher faz *até*: - até ela encontrar o homem certo, até o bebê chegar, até que seu marido volte para casa [...] até a guerra ser ganha.[...] O que vai ser delas quando elas voltarem para suas casas? ‘Elas serão melhores esposas e donas de casa’, Senhor Jackson insiste. ‘Elas saberão quão cansado um homem está quando chega em casa. Elas saberão o que é ganhar dinheiro; significa trabalho duro. Elas terão aprendido o valor do tempo e como o aproveitar; seu novo conhecimento do valor do sistema e da ordem serão refletidos da manutenção de seus lares. Acima de tudo, elas estão aprendendo como é importante se dar bem com as pessoas – quanto um lar harmonioso vale, mesmo em termos de eficiência do trabalho e, portanto, no pagamento’ (READER’S DIGEST, set. 1944, p. 105-107, grifos do original).

Certamente, o artigo foi escrito por uma mulher conservadora. Após a guerra, segundo o texto, a mulher compreenderia o difícil trabalho do homem. Mas o artigo se esquece de apontar o contrário, ou seja, quando o homem reconheceria o trabalho da mulher dentro ou fora de casa. Como Gretta Palmer aponta, “ser uma mulher de sucesso raramente inclui isso [se dar bem no mundo dos homens]”. Conservadora, não é de se estranhar que a autora destaque que o sucesso, no mundo masculino, não era meta para as mulheres, mas sim para os homens. Para ela, a realização da mulher raramente abarcava estar no mundo dos homens, mas, ao contrário, residia, principalmente, na sua atuação no espaço doméstico.

Foi dessa forma que as revistas apresentaram, ao término do conflito, o grupo das mulheres norte-americanas (que supostamente representavam também as brasileiras para os periódicos) que trabalharam nas indústrias durante os anos de guerra: se antes elas se fizeram necessárias ao trabalho no esforço de guerra, ao fim do confronto, poderiam, novamente, ocupar o lugar em que historicamente “melhor desempenhavam” suas funções: o lar. Segundo o texto, essas mulheres agora estavam cientes do esforço desempenhado pelo homem na sociedade e no mundo do trabalho, por terem vivenciado uma experiência similar à deles. Em outras palavras, agora sabiam o quão dura era a vida do homem. Não era possível esperar algo diferente: a norma do período estava vinculada exclusivamente à ótica dita masculina.

Note-se que aqui está se falando mais uma vez de mulher branca de classe média. As revistas são porta-vozes da classe média e dirigidas à classe média,



e há pouco, portanto, sobre a mulher pobre e/ou negra, e muito menos sobre a imigrante, o que sugere a ínfima representatividade de mulheres brasileiras na revista nacional. Segundo a lógica do *Digest*, só era pobre – o *loser* (perdedor) – quem não conseguira com esforço próprio subir na vida. Resta saber por quanto tempo ainda estariam essas mulheres dispostas a retornar à lógica familiar, agora cientes dos outros papéis que poderiam ocupar ou desempenhar em outros espaços sociais que não o lar.

## Referências

ABRAMO, Laís Wendel. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força secundária*. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAMPBELL, D'Ann. Women in combat: the world war II: experience in the United States, Great Britain, Germany, and the Soviet Union. *The Journal of Military History*, Lexington, v. 57, n. 2, abr. 1993.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246, 2004.

HARTMANN, Susan M. Women's employment and the domestic Ideal. In: MEYEROWITZ, Joanne. *Not June Cleaver: women and gender in postwar America, 1945-1960*. Philadelphia: Temple University Press, 1994. p. 84-100.

HARTMANN, Susan M. *The home front and beyond: american women in the 1940s: the home front and beyond*. Boston: Twayne publishers, 1982.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Ed. da USF, 2000.

LOCASTRE, Aline Vanessa. As promessas da revista 'Em Guarda' para o Brasil no pós-guerra (1941-1945). *Antíteses*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 488 -519, jan./jun. 2015.

LOCASTRE, Aline Vanessa. *Seduções impressas: a veiculação do paradigma estadunidense no Brasil em tempo de segunda guerra mundial*. 2017. Tese



(Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MAY, Elaine Tayler. *Homeward bound: American families in the cold war era*. New York: Basic Books, 2008.

MCEUEN, Melissa A. *Making war, making women: femininity and Duty on the American Home Front, 1941-1945*. USA: University of Georgia Press, 2010

MEYEROWITZ, Joanne (org.). *Not June Cleaver: women and gender in postwar America, 1945-1960*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da força expedicionária brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no serviço militar ativo do exército (1945-1957)*. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. Entre ganhos e perdas simbólicas: a (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 423-428, set. 2007.

READER'S DIGEST. Pleasantville: Reader's Digest Association, maio 1943.

READER'S DIGEST. Pleasantville: Reader's Digest Association, fev. 1943.

READER'S DIGEST. Pleasantville: Reader's Digest Association, jan. 1944

READER'S DIGEST. Pleasantville: Reader's Digest Association, jul. 1943.

READER'S DIGEST. Pleasantville: Reader's Digest Association, maio 1942.

READER'S DIGEST. Pleasantville: Reader's Digest Association, set. 1944.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association, dez. 1944.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association, ago. 1942.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association, mar. 1942.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association, out. 1942.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association,



ago. 1943.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association, jun. 1943.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Association, set. 1945.

WEATHERFORD, Doris. *American women and world war II*. New York: Castle books, 2008.

YELLIN, Emily. *Our Mother's war: American women at home and at the front during world war II*. New York: Free Press, 2004.

### Notas

<sup>1</sup>Renan Reis Fonseca é Doutor pelo programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo - USP.

<sup>2</sup>Neste contexto, o *Digest* se dedicava a apresentar de forma negativa tanto os países, como Alemanha, Itália e Japão, quanto personagens importantes dentro do conflito, tais como Hitler, Mussolini e outras lideranças de relevantes quadros do Eixo. A União Soviética, por sua vez, comumente foi apresentada de forma comedida nesses primeiros anos de conflito, destacando-se sua importância para o conflito, mas ressaltando-se a preocupação que aquela nação causava e poderia suscitar no pós-guerra aos Estados Unidos. Doravante, o periódico *Reader's Digest* será referido apenas como *Digest*.

<sup>3</sup>Sobre a mulher, sua participação no conflito, e o contexto da Segunda Guerra Mundial, ver: Hartmann, (1982); May (2008); Weatherford (2008); Yellin (2004).

<sup>4</sup>Todas as traduções são de minha autoria.

<sup>5</sup>Dorothy Parker (1893-1967) foi uma importante escritora, poetisa, jornalista roteirista e crítica norte-americana. Escreveu para importantes revistas como *Vanity Fair* e *The New Yorker*. Polêmica, teve grande destaque no cenário cultural norte-americano da primeira metade do século XX.

<sup>6</sup>Apesar de participarem de muitas atividades dentro do esforço de Guerra e mesmo no *Front* de guerra, as mulheres, como já destacado, não podiam portar armas, nem atuar em confronto direto.

<sup>7</sup>Para maiores detalhes sobre a participação das WAC's no conflito, ver: Weatherford (2008); Yellin (2004); Hartmann (1982).

<sup>8</sup>Segundo Susan Hartmann, "nos poucos casos em que militares homens e mulheres foram considerados culpados conjuntamente por má conduta sexual, as mulheres foram punidas de maneira mais severa". Hartmann (1982, p. 39). A temática da importância da manutenção da feminilidade e da promiscuidade também foi abordada no, já mencionado, estudo de D'Ann Campbell, que concluiu que o medo diante da opinião pública foi decisivo para que o general George C. Marshall colocasse um fim ao experimento que havia sido conduzido para uma tentativa de utilizar as WACS em



combate. Segundo Campbell, “Marshall tomou a decisão. Ele encerrou o experimento, transferiu as WACS, ordenou que os resultados fossem mantidos confidenciais e nunca pensou em usar as mulheres em combate novamente. A América havia traçado a linha do gênero. Se a decisão tivesse sido tomada exclusivamente com base na eficiência e no desempenho, as mulheres teriam sido designadas para as baterias AA. Baseava-se mais nas necessidades atuais do Exército para mulheres trabalhadoras, no estado da opinião pública e na hostilidade geral em relação às mulheres em papéis de gênero não tradicionais em 1943.” (CAMPBELL, 1993, p. 306)

<sup>9</sup>O artigo foi reproduzido em *Seleções do Reader's Digest*, versão em português da revista norte-americana, na edição de agosto de 1943 com o título de *Mulheres em passo de marcha*. A versão em português anunciava que “as WAC's são bem femininas, mas nem por isto deixam de ser bons soldados”. (SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, ago. 1943, p. 54) *Seleções* já havia publicado, em junho de 1943, um artigo intitulado *Mulheres de armas da América*, que abordava a participação das mulheres norte-americanas no esforço de guerra. O artigo tratou das mulheres que ocupavam cargos de operárias na Intendência de Armamentos. (SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, jun. 1943, p. 71-73)

<sup>10</sup>Susan Hartmann argumenta que, “no período de pós-guerra, a cultura popular tranquilizou aquelas mulheres que reassumiram seu lugar tradicional, enquanto as mensagens dominantes desencorajavam-nas com aspirações que conflitavam com o sistema sexo-gênero tradicional.” (1982, p. 205)

<sup>11</sup>O artigo foi publicado em *Seleções* no mês de abril de 1944 com o título de *Mulheres da América ao serviço da vitória*. A tradução do artigo simplifica algumas colocações de Eleanor Roosevelt, por este motivo optei por realizar uma tradução do material original publicado pelo *Digest*.

<sup>12</sup>Orson Welles ganhou destaque em um artigo publicado em *Seleções* em setembro de 1942 intitulado *Orson Welles, o gênio do espetáculo*. Walt Disney foi lembrado pela revista em janeiro de 1943, com o artigo *Walt Disney, o pai do camundongo*.

<sup>13</sup>Doravante, *Seleções do Reader's Digest* será referida apenas como *Seleções*.

<sup>14</sup>Para um paralelo acerca da imprensa da época e da mobilização de mulheres durante o conflito no Brasil e Estados Unidos, ver: Locastre (2015, 2017).

<sup>15</sup>Cabe ressaltar que outras lideranças políticas da América Latina também ganharam destaque no *Digest*, mas Getúlio Vargas era visto como a mais importante na América do Sul no contexto que remete ao pré-guerra, o que ressaltava a relevância do Brasil, além de México e Argentina, para um futuro contexto de conflito mundial.

<sup>16</sup>Cf. Oliveira (2010, 2007).

<sup>17</sup>Cf. Abramo (2007).

<sup>18</sup>O artigo foi publicado pelo *Reader's Digest* em setembro de 1940 com o título de *Work in the laboratory of your private life*.

<sup>19</sup>É perceptível que o artigo em questão destoa drasticamente da construção da mulher que trabalhou, nos anos de guerra, nas indústrias de aviões. O artigo foi reproduzido também por *Seleções* em dezembro de 1944 com o título de *Vamos aprendendo algo acerca da mulher* (SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, 1944, p. 86-88).